

de Fotografia

INTERSEÇÕES, 2010/2019

ARTISTAS CONVIDADOS

ACÇÃO EDUCATIVA



FICHA TÉCNICA – TABLOIDE 2019

JORNAL DIÁRIO DO PARÁ
– REDE BRASIL AMAZÔNIA
DE COMUNICAÇÃO

Jader Barbalho Filho

Diretor Presidente do Diário do Pará

Camilo Centeno

Diretor Geral do Grupo RBA

Francisco Melo

Diretor Financeiro do Grupo RBA

RBA – MARKETING

Nilton Lobato

Gerente Comercial do Diário do Pará,

Dol e Marketing

Marcelle Maruska

Coordenadora de Marketing do

Grupo RBA

PROJETO PRÊMIO DIÁRIO
CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Mariano Klautau Filho

Curador e Coordenador Geral

Lana Machado

Produtora Executiva

Irene Almeida

Curadora assistente

Felipe Mendonça e Joyce Nabiça

Assistentes de Produção

Andrea Kellermann

Designer Gráfico

Dairi Paixão

Coordenação da Ação Educativa

Debb Cabral

Assessora de Comunicação

MEP – MUSEU DO ESTADO DO PARÁ

Ursula Vidal Santiago de Mendonça

Secretária de Estado de Cultura

Armando Sobral

Diretor do Sistema Integrado de

Museu e Memórias – SIM/SECULT

Marcel Campos do Carmo

Diretor do Museu do Estado do Pará

Raimundo Calandrino

Coordenador da Ação Educativa

Nando Lima

Coordenação de Curadoria e

Montagem

MUSEU DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ

Jussara Derenji

Diretora

Raul Carvalho

Coordenador da Ação Educativa

Edição comemorativa

O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia chega a sua décima edição em 2019 fortalecendo, em Belém do Pará, um campo de produção, debate, pesquisa e difusão da arte brasileira contemporânea por meio da fotografia. Desde a sua primeira edição, em 2010, cujo mote foi Brasil Brasis até a mais recente, em 2018, com a proposição Realidades da Imagem, Histórias da Representação, o projeto vem estimulando os artistas a refletir sobre seus processos poéticos com a imagem como uma reverberação sobre as identidades diversas que constituem o país em que atuam. Cada edição, em sua temática específica, norteou de variados modos as discussões por meio de mostras, palestras, conferências, conversas com artista, oficinas, cursos e ações educativas.

Em 2016, o projeto inaugurou a Coleção Diário Contemporâneo constituída por aproximadamente 160 obras de mais de quarenta artistas abrigadas pelos museus parceiros do projeto: Museu Casa das Onze Janelas e Museu da Universidade do Pará. As publicações do projeto abrangem tanto as imagens dos trabalhos participantes das edições, como um documento das poéticas e políticas da produção artística quanto a ensaios, artigos e relatos de artistas e pesquisadores em arte, tornando-se fontes de pesquisa sobre a produção brasileira ao longo de quase uma década.

Para a décima edição propomos um encontro renovado entre as experiências curatoriais dos anos de 2010 e 2014. Se por um lado, voltamos, dez anos depois, à temática das identidades do Brasil, tema que marcou a inauguração do projeto, por outro, propomos um campo livre para experiências poéticas que reflitam o país de hoje com suas pautas e urgências a desafiar mais uma vez o artista e as questões identitárias, sejam elas de natureza cultural, social ou estética. Em 2010, propusemos pensar o Brasil como uma trama intrincada de modos, atitudes, paisagens e falas que se opõem e se complementam. E em 2019, como andam esses Brasis? Como andam as poéticas visuais atravessadas pela fotografia e as imagens técnicas? Com a arte, estas tramas se adensam e se abrem de forma labiríntica.

Portanto, convocamos os artistas a exercer livremente suas poéticas e incorporar abertamente as suas múltiplas identidades na celebração do X Diário Contemporâneo.

Mariano Klautau Filho

Curador

X Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

Sumário

Edição comemorativa	2
Editorial	3
Os artistas premiados	4
Os artistas selecionados	7
Convites da curadoria	9
Coletiva de Convidados	12
A criatividade nas lutas da arte	14
Visitação escolar têm opção de agendamento prévio	15
Atividades da ação educativa	16

PROGRAMAÇÃO

EXPOSIÇÕES

Mostra X Prêmio Diário

Contemporâneo de Fotografia

Artistas premiados, selecionados

e convites da curadoria

Museu do Estado do Pará – 07/08 a 22/09

Artistas Convidados

Cláudia Leão, Dirceu Maués, Luiz Braga, Miguel

Chikaoka, Walda Marques, Janduari Simões,

Jorane Castro, Geraldo Ramos e Flavya Mutran

Museu da UFPA – 08/08 a 22/09

CURSOS

Leituras conscientes, nas entrelinhas do Brasil

Dairi Paixão

18, 19 e 20/07 – Museu da UFPA

Práticas curatoriais: fotografia e

imagem fotográfica em exposição

Tadeu Chiarelli (SP)

27 a 30/08

OFICINA

O Som da Imagem

Cláudia Tavares (RJ)

12 e 13/08

CONVERSAS COM ARTISTAS

Danielle Cavalcante (CE), Julia Milward

(SP) e Rodrigo José (PA)

08/08

Bruno Zorzal (ES) e Claudia Tavares (RJ)

09/08

PALESTRAS

Lutas criativas no campo da arte: As experiências

da Bahia no Prêmio Pierre Verger e no

Programa Kabum! de Arte e Tecnologia

Isabel Gouvêa (SP)

24/06 – Museu da UFPA

Quanto impacta o colecionismo, o
mercado, as galerias de arte e as políticas
de Estado na carreira de artistas?

Nei Vargas (RS)

14/08

RODA DE CONVERSA

Mulheres Anarquistas das primeiras décadas de

1900: o que elas nos ensinam em seus escritos e

contribuem para a luta anarcofeminista atual

Fernanda Grigolin e Samanta Colhado (SP)

Mediação: Val Sampaio (PA)

07/09

LEITURA

Jornal O Borda – Sessão de leitura

Fernanda Grigolin (SP)

09/09

Museu do Estado do Pará

Praça D. Pedro II, s/n. – Cidade Velha

Museu da UFPA

Av. Governador José Malcher – esquina

com Generalíssimo Deodoro

SERVIÇO

Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

Informações: Rua Gaspar Viana, 773 – Reduto

www.diariocontemporaneo.com.br

Contatos: (91) 3184-9310 e 98367-2400

diariocontemporaneofotografia@gmail.com

EDITORIAL

10 anos. O que acontece em uma década? Quantas coisas mudam? Quantas passam a valer mais? Quantas a valer menos? Quem perdeu e quem ganhou ao longo desse tempo? Qual é o Brasil e qual é o mundo passados dez anos?

No ano em que comemora uma década de atuação, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia refletiu sobre as identidades brasileiras e as liberdades das poéticas. As questões postas a cada ano aos artistas serviram de estímulos iniciais aos seus processos de trabalho. E eles devolveram as provocações do projeto com obras críticas e que ainda dialogavam com o momento de sua produção.

O Diário Contemporâneo também deixou um legado sob a guarda do museus parceiros: uma coleção de fotografia contemporânea. Consciência museológica e preservação do patrimônio público. Alguns destes trabalhos do acervo serão vistos nesta

edição, não em uma retrospectiva, mas como uma outra leitura poética.

Além de consolidar o Pará como um espaço de criação e difusão em artes, o projeto sempre esteve atento à formação, tendo em sua programação palestras, oficinas, encontros com artistas e uma ação educativa própria. Tudo isso desafiando, inclusive, o formato de prêmio e não se encerrando na exposição e premiação. Quatro experiências de residências artísticas já foram realizadas, além da presença e interesse constante dos artistas de outros estados que buscam conhecer, participar e colaborar com o projeto.

10 anos. Há muito o que se comemorar, mas também existem muitas outras possibilidades do que fazer a seguir. Nesta décima edição, convidamos você a construir um cenário artístico cada vez mais plural e democrático, dentro e fora dos museus.

Debb Cabral



João Paulo Guimarães, A Terra do Nunca

PREMIADOS

Daniele Cavalcante (CE)
Prêmio Diário de Fotografia

Júlia Milward (RJ)
Prêmio X Diário Contemporâneo

Rodrigo José (PA)
Prêmio Diário do Pará

SELECIONADOS

André Parente (PA)

Bruno Zorzal (ES)

Ceci BandeWWira (PA)

Claudia Tavares (RJ)

Coletivo Amapoa (SP)

Daniela de Moraes (RS)

Felipe Fittipaldi (RJ)

Francine Lasevitch (RS)

Gui Christ (RJ)

João Paulo Guimarães (PA)

Márcio Vasconcelos (MA)

Maria Baigur (BA)

Maria Vaz (MG)

Paulo Coqueiro (BA)

Pedro David (MG)

Priscilla Buhr (PE)

Rodrigo Pinheiro e Ton Zaranza (RJ)

CONVITES DA CURADORIA

Ana Mokarzel

Danielle Fonseca

Fernanda Grigolin

Flávio Araújo

José Diniz

Keyla Sobral

Letícia Lampert

Marise Maués

Mateus Sá

Paula Sampaio

Renan Teles

Tiago Coelho

Tuca Vieira



Daniele Cavalcante, *Geografia de nós dois*

São fotografias e um vídeo que nos levam a refletir sobre cultura e distâncias. “O acúmulo de imagens busca discutir o encontro híbrido cultural que desloca signos identitários e coleciona encontros ordinários. A trajetória pretendida tem como alvo, aspectos que ecoam na construção de um pensamento não apenas de caráter etnográfico mas também na experiência sensível, onde além de observar as relações sociais, espaços urbanos e arquitetônicos da região, são levados em conta signos que indicam fenômenos da globalização, internacionalização e transnacionalidade”, explicou a artista.



Daniele Cavalcante, *Geografia de nós dois*

OS ARTISTAS PREMIADOS

DISTÂNCIAS QUE NÃO IMPORTAM

Nascida em Fortaleza, Daniele Cavalcante levou o Prêmio Diário de Fotografia

O projeto **Geografia de nós dois** é uma investigação que ocorre na cidade de Caucaia, no Ceará, após a construção da Companhia Siderúrgica do Pecém. Na ocasião, o processo de gentrificação dessa região estimulou o deslocamento de coreanos que passaram a habitar a cidade nordestina, uma vez que lá não havia mão de obra especializada para o empreendimento.

SILENCIAMENTO E POSSE

A carioca Júlia Milward venceu o Prêmio X Diário Contemporâneo

Em 2015, Júlia exibiu no Diário Contemporâneo sua série Still Life e este ano, trouxe mais uma vez a sutileza na forma de apresentar seu olhar crítico. As taxas de feminicídio no Brasil aumentam a cada dia e a maior parte dos crimes são cometidos pelos maridos ou ex-companheiros. A base desses ataques têm relação estreita com o fato das mulheres ainda serem compreendidas como propriedades dos homens. Em **Renomes**, a artista nos mostra que existem inúmeras formas de fazer uma mulher desaparecer e uma delas é através do sobrenome.

“A substituição do nome apaga a genealogia da mulher e até sua próxima existência. Na linguagem oral restam resquícios dessa relação de posse quando, por exemplo, a mulher deixa de se chamar Carolina da Silva e passa a ser Sra. Mario Peixoto. Na série apresento fotografias retiradas das colunas sociais brasileiras dos anos 50 e 60, onde os rostos estampados das abastadas mulheres aparecem acompanhados das legendas que as nomeiam: Sra. Embaixador Luiz Bastian Pinto, Sra. Conselheiro Paulo Paranaguá. Trocam o nome próprio pelo status do bom casamento, se curvam para o outro perdendo, assim, a própria identidade”, observou.



Júlia Milward, Renomes



Júlia Milward, Renomes

AMAZÔNIA PARTICULAR

O paraense Rodrigo José conquistou o Prêmio Diário do Pará

Com uma trajetória que se cruza com a do projeto, o artista, em seu ensaio **Amazônia**, traz questionamentos acerca do imaginário e das relações mediadas por imagens. Sentimos que já conhecemos tudo devido à profusão de imagens em que vivemos, todo lugar que existe já foi fotografado, filmado ou desenhado antes.

“Ver o mundo através de outras imagens, significa colocar a frente de nossos olhos, o filtro da memória e, de algum modo, priorizar o arquivo e não a realidade a que faz referência como espaço de experiência. Tendo em vista esta afirmação este trabalho também se constitui como um trabalho de citações a partir de referências como Pedro Martinelli, Luiz Braga, Claudia Andujar, Miguel Rio Branco, Elza Lima, Paula Sampaio, Sebastião Salgado, Miguel Chikaoka e Jorge Bodansky. A partir de uma perspectiva urbana de um ser que habita a cidade, e que a partir de uma experiência de deriva dentro de um contexto da amazônia contemporânea, busco ir na contraprodução das imagens que exaltam o ‘belo’ e ‘exótico’ sobre o tema Amazônia para assim questionar e desconstruir um imaginário prévio”, finalizou.



Rodrigo José, Amazônia



Rodrigo José, Amazônia



Rodrigo José, Amazônia

OS ARTISTAS SELECIONADOS

André Parente (PA)

Redenção - Duas das três estátuas de bronze que faziam parte do monumento a Lauro Sodré, localizadas na praça Floriano Peixoto, em Belém, foram furtadas. Antes do ocorrido, o estado já as havia abandonado, ausentando-se na manutenção, preservação e segurança desse patrimônio. Talvez a pseudo devolução dessas esculturas realizada pelo artista traga



André Parente, *Redenção*

certo incômodo à sociedade de Belém e ao estado pela ausência da valorização.

Bruno Zorzal (ES)



Bruno Zorzal, *Movimento #2 série Fluxo*

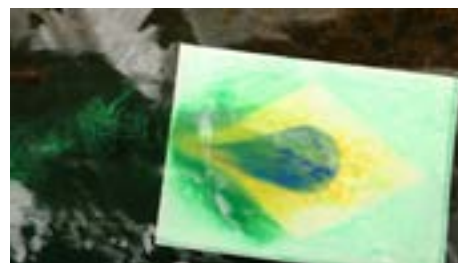
Movimento #2, série Fluxo - Imagens das mais diversas situações de vida cotidiana são apresentadas na sequência em que foram feitas com a câmera. De um lado, o trabalho documenta diferentes paisagens geográficas e humanas em realidades urbanas e rurais, de centros e periferias. De outro, permite uma experiência de contemplação diante do fluxo formado pelas imagens.



Ceci Bandeira, *Ananse*

Ceci Bandeira (PA)

Ananse - Uma fotografia de autoria desconhecida da professora, diretora e atriz, Zélia Amador de Deus, foi encontrada por Ceci em um site de buscas na internet. Ao usar o nome de Ananse, a deusa aranha que tece a história do povo negro em seus fluxos afro-diaspóricos para que ele tenha história, a artista edifica a imagem forte da atriz por meio do lambe-lambe e da performance. Um ato de resistência do corpo da mulher negra, que está sempre à margem da história tradicional, mas que graças aos fios/ações da deusa Ananse nunca deixa de ser tecida.



Claudia Tavares, *Mãe Gentil*

Claudia Tavares (RJ)

Mãe Gentil - Um desenho da bandeira do Brasil em um tanque de água corrente. A aquarela vai lentamente se desfazendo, desaparecendo levada pela água. Um som estranhamente distorcido. Trechos do Hino da Independência do Brasil em rotação alterada, prolongada e esticada

alternados ao som da água. A dissolvença se torna uma ideia de muitos sentidos no atual momento brasileiro: assistimos a dissolvença da identidade de uma nação pela tentativa de criminalização da sua cultura, a dissolução de uma política de aproximar desigualdades e a noção de um nacionalismo “militar armado moral e cívica” que retorna anacrônico.

Coletivo Amapoa (SP)

Pequeno ritual do tempo - Neste trabalho, as artistas fotografaram adolescentes em diferentes regiões do Brasil. Em uma tentativa de lidar com a passagem do tempo e com a investigação de diferentes subjetividades, escolheram trabalhar com pessoas que, em suas percepções, se apresentam em um limbo: não são adultos, também não são crianças. A adolescência é um dos processos mais complexos da construção de uma pessoa enquanto gente, enquanto sujeito. Quando a gente é adolescente parece que tem tempo demais. Sobra. Sente. Falta. Dói.

Daniela de Moraes (RS)

Paisagens des_cobertas - No Google Earth a artista encontrou condomínios instalados em meio à reservas de Mata Atlântica, no litoral norte do estado de São Paulo. A vista de cima lhe proporcionou imaginar uma outra cidade, formada por prédios altos e arranha-céus dentro dessa paisagem. A série realça a relação do homem com a natureza, principalmente com os territórios próximos ao litoral, onde muitos sonham ter uma casa ou morar. Qual é o custo disso? E até onde uns podem ir e outros não? Quem determina o limite que pode ser ocupado e o que não pode? Com quais critérios?



Felipe Fittipaldi, *Senegal-Rio*

Felipe Fittipaldi (RJ)

Senegal-Rio - O ensaio surgiu a partir da experiência pessoal do autor com um grupo de senegaleses que trabalha no bairro de Copacabana. Ele pretende, através dos retratos, chamar a atenção para a presença e a situação desses imigrantes no Brasil. Mais 400 anos se passaram desde da diáspora africana iniciada no século XVI e, hoje, a condição desses imigrantes ainda é vulnerável e precária (para não dizer forçada), num percurso de privações e sacrifícios necessários a sobrevivência deles e dos familiares que ficaram.



Francine Lasevitch, *Chefe*

Francine Lasevitch (RS)

Chefe - A artista observou seu ritmo de trabalho e os diferentes locais em que atua com um aplicativo que controla essas atividades (desenvolvido para profissionais autônomos). Ele captura automaticamente um retrato e um print screen da tela do computador simultaneamente e salva para controle do trabalhador. Diferentes sensações e o ritmo do seu ofício em mais de 800 retratos e diferentes áudios de aplicativos do celular foram reunidos em um vídeo.

Gui Christ (RJ)

Fissura - Uma pesquisa imersiva dentro de uma das áreas de maior vulnerabilidade social e degradação urbana do Brasil, a “Cracolândia Paulista”. O artista tenta ilustrar a relação entre a degradação urbana do espaço e as causas que levaram as pessoas a viverem em suas ruas. Busca mostrar que as rachaduras nas paredes dos antigos casarões têm as mesmas origens das feridas abertas nas peles dos milhares que passam pela região em busca do crack e dos objetos quebrados transformados em cachimbos.

João Paulo Guimarães (PA)

A Terra do Nunca - A realidade massacrante que crianças e adolescentes vivem todos os dias de sua vida dentro de uma sala de aula. O fim da infância



Gui Christ, *Fissura*

se mostra presente. Essa injustiça impressiona, não apenas pelas imagens da estrutura danificada apresentada, mas sim pela aceitação do agredido que, em sua conformidade com essa realidade, consegue nos passar uma brutalidade tão chocante que lembra a de crianças em áreas de guerra e conflitos civis.

Márcio Vasconcelos (MA)



Márcio Vasconcelos, *Bruxos e Curandeiros: A Magia Bantu entre África, Cuba e Maranhão*

Bruxos e Curandeiros: A Magia Bantu entre África, Cuba e Maranhão - Bantu é o nome que se dava a inúmeras populações que viviam na porção sul-equatorial da África. Sua presença era tão forte que eles acabaram por ocupar uma enorme extensão territorial. A religiosidade é um dos principais marcadores destas sociedades, que acreditavam na interação constante entre dois mundos: o visível (dos seres humanos, a terra) e o invisível (dos espíritos e deuses). Com este olhar pelo sagrado que as fotografias recuperam o imaginário comum de uma África antiga ressignificada em Cuba e no Brasil.

Maria Baigur (BA)

Angelus - A artista percorreu um cenário urbano rarefeito para montar uma narrativa visual surreal e nauseante

onde habitam personagens que olham a cidade por sobre seus símbolos de poder e ostentação. Estes habitantes dos abismos urbanos, à serviço do nosso maior conforto e que nos redimem das nossas angústias vivem, então, nesse outro real mágico, entre a ruína e o paraíso. E, de forma genuína, criam um espaço outro, anárquico e possível, terrível e belo.

Maria Vaz (MG)

Folhetim Três Ranchos - O trabalho surge da necessidade de escrever e compor imagens de um lugar cuja memória se perde, um lugar tão pequeno, mas parte de um país onde memórias são esquecidas, destruídas ou escondidas. Existe nas histórias de Três Ranchos um sentimento de nostalgia, tanto de quem as conta, como de quem as recria, mesmo que -

sendo no caso a artista esta última - tenha tido tão breve vivência que desperte esse sentimento.

Paulo Coqueiro (BA)

Cidade Inventada - O projeto busca elaborar contrapontos visuais à iconografia produzida sobre a “Cidade da Bahia”, ou seja, ao amplo acervo de imagens que organiza, orienta e generaliza uma identidade soteropolitana. Através das imagens produzidas, a cidade aparenta ser múltipla. Fragmentada, insular, desconecta, segregada. Observa-se, finalmente, o quanto tais aspectos fisiográficos fotografados se distanciam das imagens largamente difundidas como uma cidade tropical que “irradia magia”.

Pedro David (MG)

Mar de Morro - Uma geografia mineira desmontada. Marcas deixadas por montes de areia estocada pelos pedreiros, encostadas às suas paredes em processo, e retiradas à medida em que avançam em suas tarefas construtivas. São registros fictícios, nas paredes em construção, daqueles morros

que desapareceram na paisagem “logo ali atrás”. As fotografias receberam títulos de serras e morros existentes, ameaçados pela ganância humana, que mira seu rico teor mineral.



Maria Vaz, *Folhetim Três Ranchos*

Priscilla Buhr (PE)

Não Reagente - Priscilla não pensava em ter filhos até saber que não poderia tê-los. O impacto do diagnóstico se transformou em necessidade de fotografar. A infertilidade passou a ser um objeto a ser investigado e trabalhado. O seu corpo-mãe negativado virou uma questão. Até que, obra quase terminada, plot twist. Grávida. Reagente. E ela não sabia reagir. Poder de escolha roubado mais uma vez. Priscilla pariu um filho e está parindo uma obra. E não quer deixar a opção de não reagir.



Rodrigo Pinheiro e Ton Zaranza, *Não leve flores*

Rodrigo Pinheiro e Ton Zaranza (RJ)

Não leve flores - Um documento do que fizeram LGBTQs e outras minorias na noite de 28 de outubro de 2018. A noite que elegeria o candidato que se diz de extrema direita. Um governo que deixa claro que não colabora com debates. Uma geração inteira de cidadãos negros, índios, mulheres, LGBTQs e corpos/experiências dissidentes de toda ordem, pagarão vendo a permanência dos jogos políticos lhes tirar o sangue.

CONVITES DA CURADORIA



Ana Mokarzel, *Permanência*

Ana Mokarzel

Permanência – O Casarão Camelier foi transformado em carcaça ao longo de décadas. O prédio se tornou invisível na paisagem da cidade apesar de sua especial localização às bordas do rio. As imagens da artista são contundentes, limpas e desprovidas de qualquer efeito ou adereço que possam atenuar a estrutura seca e enrijecida do prédio.

Danielle Fonseca

O martelo sem mestre – Obra inspirada no poema homônimo, do poeta francês René

Char (1907-88). A ação para fotografia foi realizada em 2015 e fala da relação entre literatura, música e paisagem. A artista surfa no resto de um piano, mas não para domá-lo e sim integrar as linguagens, fluir entre poesia e arte.



Danielle Fonseca, *O martelo sem mestre*

Fernanda Grigolin

Jornal de Borda – Uma ativação do *Jornal de Borda*, jornal feminista. O *Borda* está no limite do que seria um jornal: utiliza-se do formato, da rapidez e do texto curto, mas sem o caráter noticioso. É um trabalho de ativismo e arte.

Flávio Araújo

Incursões – Um conjunto de pinturas em que o artista busca na iconografia das manifestações populares no Brasil, a partir da “Jornada de Junho”, falar da relação entre signos visuais e verbais, das possibilidades de significação das imagens e suas conotações políticas.



Fernanda Grigolin, *Jornal de Borda*

José Diniz



Flávio Araújo, *Incursões*

Travessia – O trabalho é fruto de uma visita à região em que Guimarães Rosa descreve a desafiadora e difícil travessia do Liso do Sussuarão no seu livro *Grande Sertão: Veredas*. Um espaço físico e simbólico da travessia da vida. O ensaio é parte do projeto *Sertão Cerrado*.

Keyla Sobral

Convite ao Salto – Um conjunto de diversos desenhos e duas fotografias em que o elemento representado é o trampolim em suas mais variadas formas e desejos. É um convite ao risco. É se arriscar e se por frente aos limites, aceitando quem se é. É se encorajar e se libertar. Proponho um salto radical. Não abdicar-se acima de tudo. Um salto é um risco. E também uma esperança.



José Diniz, Travessia

Leticia Lampert

Topografia do Horizonte – Fotografias de uma vista central de São Paulo onde os prédios foram recortados e subtraídos, sobrando apenas o que restou de céu. É como se o céu não se tratasse mais de um todo único sobre nós, mas pequenas partes quase descartáveis da paisagem que, vez que outra, aparecem por entre prédios.



Leticia Lampert, Topografia do Horizonte



Keyla Sobral, Convite ao Salto

de sedimento, aquilo que se acumula em camadas.

Mateus Sá

Reflexões II – Trabalho no qual o autor busca um diálogo envolvendo questões relacionadas à existência, meio ambiente, indivíduo e coletivo, lançando mão de uma narrativa híbrida.



Marise Maués, Loess



Mateus Sá, Reflexões II

Marise Maués

Loess – A artista se propôs a ficar por sete horas ininterruptas no leito de um igarapé, vestida de branco com a finalidade de receber um regime de maré. O trabalho é uma reflexão sobre esse corpo que ela carrega consigo. Ao se perceber um ser que possui um corpo plural de experiências, ela se reporta a seara da geologia em relação ao conceito

O Lago do Esquecimento – O Lago de Tucuruí é o segundo maior lago artificial do Brasil, construído para alimentar a quarta maior usina hidrelétrica do mundo: Tucuruí, no Estado do Pará. Neste ensaio, a natureza transformada em nome do desenvolvimento é uma metáfora da memória e do esquecimento provocados por tudo o que foi irremediavelmente perdido para a sua formação: áreas indígenas, cidades e inúmeras espécies animais e vegetais. A terra devastada e as árvores fossilizadas são metáforas da conduta humana diante da mecanização

Renan Teles

Esmeraldas não é COHAB porque tem elevador – Através de fotografias de jovens adultos que, assim como o artista ainda moram com os pais, discute-se



Paula Sampaio, O Lago do Esquecimento

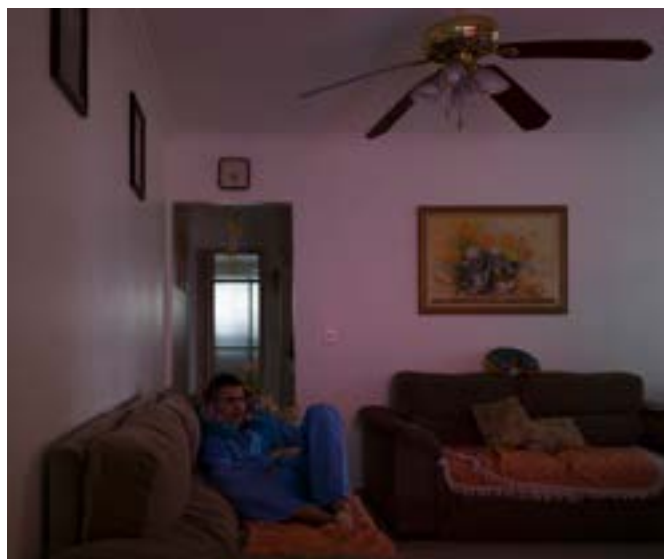


Tiago Coelho, Balneário Alegria

as expectativas dessa nova geração diante do cenário atual do país, apresentando narrativas que convivem entre o comodismo e a desesperança. O projeto se inicia lidando com questões documentais, baseando-se na captura de retratos formais, e parte em direção à poesia.

Tiago Coelho

Balneário Alegria – A pequena Guaíba, no Sul do Brasil, possui uma grande fábrica de celulose, a única no mundo situada dentro de uma cidade. Muitos defendem que ela contribui na economia local. Porém, alguns moradores lutam por melhores condições na qualidade de vida da região, reivindicando medidas para a diminuição dos impactos ambientais e sociais, em especial para a redução da poluição do ar e da água, assim como a poluição sonora que agride fortemente alguns moradores vizinhos.



Renan Teles, Esmeraldas não é COHAB porque tem elevador

que queria mostrar.



Tuca Vieira, Estrada de Ferro Carajás

Tuca Vieira

Estrada de Ferro Carajás – Essa estrada leva o minério de ferro da mina de Carajás, em Parauapebas (PA), para o terminal Ponta da Madeira, no Maranhão. Após 892 km, ele é carregado nos maiores navios do mundo com destino à China e outros países. Os trens utilizados estão entre as maiores composições do mundo, chegando a 330 vagões, puxados por até quatro locomotivas. Este é o primeiro e único trabalho do artista em vídeo. Foi a primeira vez em que ele viu esgotadas as possibilidades da fotografia tradicional diante do

COLETIVA DE CONVIDADOS

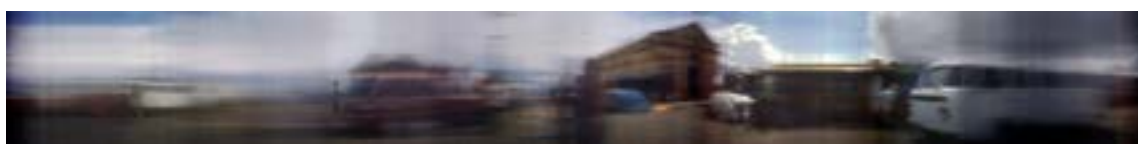
DIÁRIO CONTEMPORÂNEO REÚNE TRABALHOS DE TODOS OS ARTISTAS CONVIDADOS NO MUFGA



Claudia Leão, *Água Grande*. Da série *Naus e paisagens*



Dirceu Maués, *Série Extremo Horizonte*



Dirceu Maués, *Série Extremo Horizonte*

A cada edição, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia convida um artista para realizar uma exposição individual no Museu da UFPA.

A valorização da fotografia paraense ocorre de maneiras diferentes ao longo destes dez anos de projeto, como na primeira edição em que dois artistas foram homenageados, Cláudia Leão e Dirceu Maués.

Fotógrafos de outros estados como Miguel Chikaoka, que veio de São Paulo e Janduari Simões, nascido na Bahia também já exibiram suas poéticas. Não interessa a origem, o que importa são as narrativas construídas por eles no Pará, sua atuação e relevância para a memória e imaginário do nosso estado.

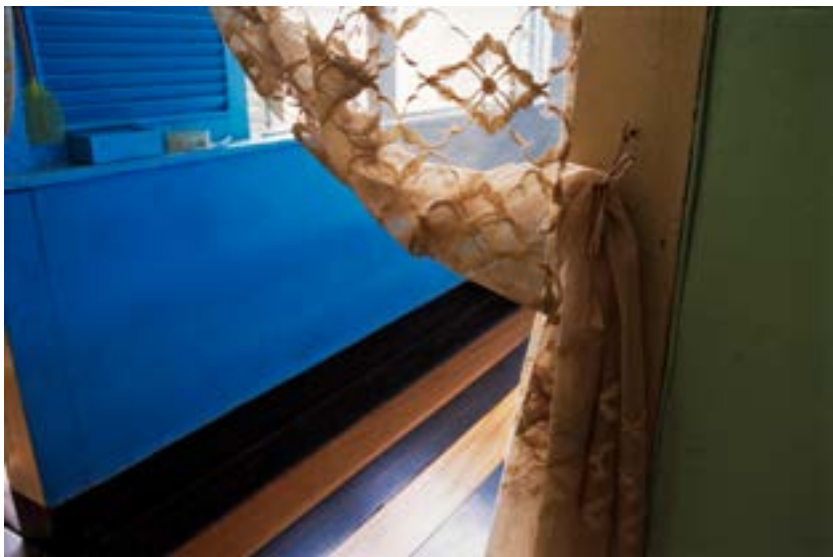


Janduari Simões, *Cidade Invisível*



Miguel Chikaoka, *Salvaterra*

Mas é claro que os nascidos na terra também tem seu espaço, assim como os da edição inaugural, Luiz Braga, Walda Marques, Jorane Castro, Geraldo Ramos e Flavya Mutran também apresentaram através do projeto recortes inéditos dos seus arquivos. No ano em que comemora uma década de atuação, o Diário Contemporâneo traz todos eles de volta em uma coletiva que não se apresenta como retrospectiva, mas como uma outra leitura das suas visualidades.



Luiz Braga, *Corredor Casa Bruno de Menezes* (1998)



Walda Marques, *Cubana Perfil Azul*



Jorane Castro, *Estranho no Paraíso*



Geraldo Ramos, *Santo sem rosto*



Flavya Mutran, *EGOSHOT*



Flavya Mutran, *EGOSHOT*

A CRIATIVIDADE NAS LUTAS DA ARTE

Isabel Gouvêa abriu a programação de palestras da 10ª edição

O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia promoveu em junho a palestra “Lutas criativas no campo da arte: As experiências da Bahia no Prêmio Pierre Verger e no Programa Kabum! de Arte e Tecnologia”, com a fotógrafa Isabel Gouvêa. O encontro com o público foi realizado no Museu da UFPA e abriu formalmente a programação da 10ª edição.

O público lotou o espaço para ouvir as experiências da artista com as duas diferentes instituições culturais. Ela apresentou a ONG CIPÓ-Comunicação Interativa e o seu desejo de transformação social. “Além de desenvolver os jovens, a gente sempre trabalhou a produção. Tudo o que a gente produzia, a gente deu em retorno para a escola pública”, disse.

Pertencimento e sentidos transformados. Foi o que ocorreu durante os 12 anos em que a Cipó realizou o Programa Kabum! de Arte e Tecnologia, para a formação de jovens de comunidades populares. Ela

contou que “quando os jovens chegavam para iniciar uma nova turma, parecia que eles não tinham nenhuma identificação com o lugar de onde eles são”. Assim, uma das primeiras ações foi torná-los pesquisadores e conhecedores da sua cultura. O mapeamento dos carrinhos de café, tradicionais na Bahia, foi um projeto de sucesso. Design, cultura e sustentabilidade estavam presentes em um objeto que simbolizava a criatividade e a inventividade dos anônimos em oposição ao design industrial. “É a necessidade versus o desejo forçado”, afirmou.

Outro tópico abordado foi o Prêmio Pierre Verger, nascido de uma lei e que não dialogava com a comunidade fotográfica local e nem dava retorno artístico, social e cultural ao estado. O Prêmio passou por diversas

reformulações que foram fruto das lutas constantes e “mesmo a gente tendo críticas ao modelo, a gente lutou por ele” quando existiu a possibilidade da sua não realização, contou.



Foto, Irene Almeida



Adelmo Santos, Movimento Carta das Laranjeiras

Ao fazer um paralelo entre a fotografia da Bahia e a do Pará ela não deixou de notar que só recentemente a articulação e o trabalho em grupo dos artistas do seu estado se fortaleceu.

Criatividade, bom humor e persistência foram as ferramentas usadas, o que resultou, inclusive, na adesão dos moradores locais à luta. “A gente usa pouco, a gente podia usar mais esse potencial criativo de se comunicar com o imaginário da população”, ressaltou.

Sua fala deu uma revigorada nos artistas locais ao comentar sobre a luta do movimento em defesa da Casa das 11 Janelas. “Essa coisa de ninguém larga a mão de ninguém tem que reverberar na nossa energia para trazer a virada neste momento crítico em que nós vivemos”, comentou o fotógrafo Miguel Chikaoka.

Visitação escolar têm opção de agendamento prévio

Professores e educadores podem cadastrar suas turmas

Intitulada “Leituras conscientes, nas entrelinhas do Brasil”, a ação educativa deste ano atua nas exposições da 10ª edição, que têm visitação aberta até setembro no Museu do Estado do Pará e Museu da UFPA. Os professores que queiram levar as suas turmas podem solicitar o agendamento das visitas pelo site www.diariocontemporaneo.com.br ou nos telefones 4009-8695 e 98146-2506, no horário de 10 às 15h. As solicitações estão sujeitas à disponibilidade de agenda. Após o cadastramento de informações no site, todos os pedidos serão respondidos por email ou telefone.

Qualquer grupo que se organize pode realizar um agendamento prévio da sua visita. Além disso, todo e qualquer visitante também encontra suporte na equipe de mediadores.

A ação educativa é de grande necessidade dentro da democratização cultural. E é de suma importância para o projeto a formação do olhar crítico a partir da arte. Anualmente, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia tem um cuidado na hora de formar a sua

equipe de educadores, pois são eles que recebem os mais diversos públicos nos espaços dos museus. Com coordenação de Dairi Paixão, a equipe é constituída por estudantes universitários de diversas áreas. Eles participaram de um minicurso com dinâmicas de encontro, leituras sobre arte-educação em espaços culturais e mediação cultural, além do conhecimento das obras e artistas desta edição.

Antes de terem a oportunidade de colocar o público em diálogo com os trabalhos, “eles foram convidados a inventar as suas próprias narrativas de mediação e refletir sobre o lugar da mediadora e do mediador nessa interlocução com os diversos públicos”, explicou Dairi.

A ação educativa tem compromisso com a formação de cidadãos de pensamento crítico, abertos ao diálogo, diversidade e colaboração. Temáticas contemporâneas debatidas na formação de mediadores “trouxeram, à luz da consciência, a reflexão sobre os temas que estão nas entrelinhas do país, além dos atravessamentos proporcionados pelas imagens

e trabalhos selecionados. Tudo isso para conhecer as histórias que não são contadas e questionar um imaginário prévio diante de questões como feminicídio, racismo, territórios, identidade e Amazônia, por exemplo”, acrescentou.

Desse modo, foi a partir desses questionamentos que foram preparadas as propostas educativas para a composição do tabloide anual do projeto.



Irene Almeida, *Visitação flutuante*



Irene Almeida, *Visitação escolar*

AGENDAMENTO

Ademar Queiroz

(91) 4009-8695 e 98146-2506 (10 às 15h)

Ficha de inscrição no site: www.diariocontemporaneo.com.br

Informações: educativopremiodiario@gmail.com

ATIVIDADES DA AÇÃO EDUCATIVA

PROPOSTA 1 – CIDADE INVENTADA

O fotógrafo Paulo Coqueiro trabalha com uma reelaboração de imagens panorâmicas da cidade de Salvador. O artista cria composições que mesclam imagens icônicas, por ele apropriadas de coleções particulares e imagens atuais, brincando com a temporalidade delas e conflitos entre o passado e presente. São espaços com vistas de estruturas arquitetônicas e naturais de bairros tradicionais da cidade, bem como de bairros de

pouco valor turístico; de habitações desordenadas nas encostas ou de conjuntos habitacionais; de ocupações irregulares ou estabelecidas formalmente; do centro ou do subúrbio ferroviário.

Dialogue com a turma sobre estas referências presentes no trabalho do artista e quais foram as impressões dos alunos sobre as fotografias.

Inicie com as seguintes questões:

- Observando a cidade em que você vive, como estão organizados os bairros?
- Em que parte estão os prédios e as casas?
- A cidade fica próxima ao rio?
- Ou próxima do mar?
- Se você pudesse inventar uma cidade, descreva como seria a arquitetura, bairros, cores, árvores e pessoas dessa cidade. Na sequência, troque a sua descrição com um colega e crie a cidade descrita por ele, acrescentando imagens da sua cidade inventada. Depois, em roda, compartilhe com todos como foi essa experiência de inventar uma cidade em colaboração com os colegas.

Faixa etária: A partir de 05 anos

Materiais: Papel sulfite, lápis, revistas e jornais para colagem, tesoura, cola, lápis de cor.



Paulo Coqueiro, *Cidade Inventada*

PROPOSTA 2 – NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS DO ÓCIO

O trabalho do coletivo Amapoa retrata adolescentes em pequenos rituais do cotidiano. O coletivo constrói seu trabalho em diálogo e escuta sensível diante as subjetividades dos jovens. Inicie a atividade conversando com os alunos:

- Como eles percebem as mudanças da fase da infância para o momento atual?
- Quais rituais ocorreram que mostram esse crescimento e mudança?
- Quais os mistérios do mundo pelos quais esses adolescentes se encantam?
- Como percebem a importância da sua existência no mundo?

Depois de conversar sobre o assunto e observar com atenção as imagens do Coletivo Amapoa, divida a turma em grupos e peça que eles construam narrativas com imagens de rituais do seu cotidiano. Isso tudo utilizando imagens feitas por câmeras, celulares, poemas e desenhos que narram esse período da adolescência em que estão vivendo.



Coletivo Amapoa, *Pequeno ritual do tempo*

Peça que os alunos apresentem os resultados em sala compartilhando a experiência de olhar de forma mais poética para o seu cotidiano.

Faixa etária: a partir de 12 anos

Materiais: Papel sulfite, lápis e celular para fotos.



Coletivo Amapoa, *Pequeno ritual do tempo*

PROPOSTA 3 – SER AMAZÔNIA?

O trabalho Amazônia, de Rodrigo José, nos traz uma reflexão sobre o mundo-imagem, pois questiona a própria natureza da representação das imagens no contexto amazônico. Observando atentamente as fotografias do artista, analise o tema, contexto, linhas e formas que estão presentes.

Na sequência, inicie um diálogo com alunos:

- Quais as imagens que cada um tem da Amazônia?
- Quais as formas que marcam esse imaginário amazônico?
- Quem já visitou outras cidades que ficam na Amazônia?

Peça que os alunos compartilhem suas memórias deste lugar.

Peça à eles para ilustrar essas imagens que surgem na conversa.

Faixa etária: A partir de 10 anos.

Materiais: Papel sulfite, lápis, giz de cera, lápis de cor.



Rodrigo José, Amazônia

PROPOSTA 4 – REAGIR

A artista Priscilla Buhr, no trabalho Não Reagente, constrói uma narrativa visual com colagens de imagens que remetem ao tema da maternidade,

o qual ela mesma investiga como processo pessoal, para a compreensão ante a sociedade. Ela se depara com diversos discursos, muitos dos quais

são reflexos de uma sociedade patriarcal que tira da mulher a liberdade de ter suas próprias escolhas ao lidar com o seu corpo.

Diante a observação das imagens e reflexões do trabalho de Priscila, separe a turma em dois grupos. E discuta sobre as seguintes questões:

- O que é ser mãe?
- O que é ser mulher?

Distribua folhas de papel sulfite para que os alunos produzam colagens que respondam as perguntas.

Faixa etária: a partir de 15 anos

Materiais: papel sulfite, revistas e jornais para cortar, tesouras e cola.



Priscilla Buhr, Não Reagente



Priscilla Buhr, Não Reagente

PROPOSTA 5 – TRAJETOS

No trabalho Mar de Morro, o artista Pedro David traça uma visualidade a partir de uma observação atenta da sua trajetória caminhando pela cidade. Apoiado na observação das suas fotografias, peça aos alunos para registrarem o caminho de casa à escola.

- Quais imagens representam esse caminho?
- Quais pontos chamam a atenção dos alunos?
- O que existe nesse trajeto (casas, comércio, escolas, açougues, canais, pontes, lojas, padarias, entre outros)?

Peça aos alunos que representem as imagens que existem nos seus caminhos com fotos do celular, de câmera, desenhos ou uma descrição.

Em seguida, tendo como referência o trabalho Paisagens des_cobertas, da artista Daniela de Moraes, acesse o Google Maps e veja a imagem de satélite do bairro onde fica localizada a escola. Desenhe as rotas dos caminhos que os alunos fazem para chegar à escola. Observe quais as formas dessa caminhada no mapa.

Utilizando do recurso print, imprima as imagens das trajetórias e, junto aos estudantes, construa um mapa afetivo com as imagens que os mesmos fizeram das suas rotas.

Faixa etária: A partir de 10 anos.

Materiais: celulares para tirar fotos, papel sulfite, lápis e computador com acesso a internet.



Daniele de Moraes, Paisagens des_cobertas



Daniele de Moraes, Paisagens des_cobertas



Pedro David, Mar de Morro

PROPOSTA 6 – OLHARES ATENTOS

Construa com os alunos um dispositivo de observação.

Para realização desta proposta, reúna o material, corte a cartolina em retângulos no tamanho de 10 x 15 cm e utilize uma circunferência de 05 cm de diâmetro para fazer um corte redondo no centro do retângulo. Ao fim, personalize esse objeto que será utilizado para observação.

Na série Angelus, a artista Maria Baigur caminha por centros urbanos, olhando para o alto observando os anjos, trabalhadores da cidade que estão nas alturas.

Inspirados neste trabalho e tendo em mãos o retângulo, peça que seus alunos observem pelo furo com um olho aberto e outro fechado, que caminhem em busca de anjos na exposição, nas imagens do tabloide e pela cidade.

Público alvo: A partir de 05 anos.

Materiais: Papel cartão ou cartolina, giz de cera, lápis de cor, tesoura e régua.

Gostou do material? Gostaria de fazer sugestões ou críticas? Escreva para a gente!
Mande um email para educativopremiodiario@gmail.com

ESTE TABLÓIDE TAMBÉM ESTÁ DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD GRATUITO NO SITE
www.diariocontemporaneo.com.br



Maria Baigur, Angelus



Maria Baigur, Angelus



Maria Baigur, Angelus

10^o Prêmio Diário *contemporâneo*

de Fotografia

Edição Comemorativa

REALIZAÇÃO

Diário do Pará



APOIO INSTITUCIONAL

COLABORAÇÃO

PARCERIA

PATROCÍNIO

MUSEU
UFPA

MEP

SIM
Sistema Integrado
de Museus e Memórias

SECRETARIA
de Cultura

GOVERNO DO
PARÁ

SOL

ALUBAR

VALE